

STUDIA

IBERYSTYCZNE

13
2014

**UNIVERSOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
EM DEBATE**

ŚWIATY JĘZYKA PORTUGALSKIEGO

eds.

**Anna Rzepka
Natalia Czopek**



Kraków

Eds. Anna Rzepka / Natalia Czopek

© Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego
and individual authors, 2014

Correção linguística:

Ana Wąs-Martins, Cláudio Vinagre

Redação: Edyta Wygonik-Barzyk

Desenho da capa: Igor Stanisławski

A publicação é subsidiada pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior da Polónia (auxílio *de minimis*) e pela Faculdade de Filologia da Universidade Jagelónica

Publicado em forma de e-book junto com as 150 cópias em papel

A versão principal é a versão em formato digital

ISSN 2082-8594

e-ISSN: 2391-7636

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków

tel./faks: 12 431-27-43, 12 663-11-67

e-mail: akademicka@akademicka.pl

La librería digital – A livraria digital:

www.akademicka.pl

Wstep	7
Prefácio	11

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Yana ANDREEVA, <i>A busca de identidade em «Jornada com Rupert» de Salim Miguel</i>	17
Kathryn BISHOP-SANCHEZ, <i>Texto reescrito, texto esquecido: «Philidor», uma pérola queirosiana</i>	29
Gabriel BOROWSKI, <i>A vantagem dos míopes: entre história e literatura</i>	41
Anna DZIAŁAK, <i>D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, à luz da «Crónica de El-Rey D. Affonso Henriques» de Duarte Galvão. As «origines regni» revisadas</i>	53
Filipa FREITAS, <i>«Encarnação e Ressurreição de Cristo»: duplicação de um modelo textual</i>	67
David FRIER, <i>A Política do casamento: adultério, família e paternidade em Camilo Castelo Branco</i>	81
Patrícia INFANTE DA CÂMARA, <i>O silêncio nas páginas de «Novas Cartas Portuguesas» (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) e na imagética monocromática de Helena Almeida – uma perspetiva interdisciplinar</i>	99
Anna KALEWSKA, <i>A tradição de Camões na poesia brasileira durante o Arcadismo ou a reinvenção do imaginário épico em «O Uruguay» de Basílio da Gama e n'«O Caramuru» de Santa Rita Durão</i>	111

Kamila KRAKOWSKA, <i>As memórias perdidas da nação moçambicana: «Terra Sonâmbula» e «O Outro Pé da Sereia» de Mia Couto</i>	133
Júlio Cesar MACHADO DE PAULA, « <i>Nem todas as crianças vingam!</i> »: <i>genealogia e afrodescendência na literatura brasileira</i>	149
Jerusa PIRES FERREIRA, <i>António Vieira: prolongada presença, voz profética e performance</i>	161
Pierre-Michel PRANVILLE, <i>O estranho caso do romance policial na literatura lusófona</i>	171
Ana RIBEIRO, <i>De José para José: o último Saramago segundo Rodrigues dos Santos</i>	183
Artur Henrique RIBEIRO GONÇALVES, <i>Maria Teresa Horta e Leonor de Almeida Portugal: do grão de luz ao bago da romã...</i>	195
Sandra TEIXEIRA, <i>O «cordel do cordel»: deambulações pelo acervo Raymond Cantel</i>	205
Bálint URBÁN, <i>A emergência do sujeito político em «Levantado do Chão» de José Saramago – uma perspetiva rancieriana</i>	219
Magdalena WALCZUK, « <i>Cadernos Negros</i> » – <i>vozes afro-brasileiras às margens da literatura</i>	231
Anna WOLNY, <i>A mulata – entre o ódio e o amor</i>	243

LINGUÍSTICA E ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Hanna J. BATORÉO, <i>Criatividade Linguística, Cultura e Ensino da Língua Portuguesa (Português Língua Não-Materna): O que a Linguística Cognitiva nos ensina acerca das diferenças entre o Português Europeu e o Português do Brasil?</i>	259
José BORGES NETO, <i>A manutenção da perspetiva clássica sobre a linguagem como empecilho para os estudos morfológicos</i>	273
Alexandre Marcelo BUENO, Regina PIRES DE BRITO, <i>Português como língua estrangeira: difusão do português em contexto timorense</i>	285

Vesela CHERGOVA, <i>Estudo contrastivo da configuração das categorias verbais em português e em búlgaro</i>	297
Joaquim COELHO RAMOS, <i>Ocorrência e interpretação dos modais poder e dever em português jurídico</i>	317
Natalia CZOPEK, <i>As influências linguísticas portuguesas em África fora das fronteiras dos PALOP</i>	327
Przemysław DĘBOWIAK, <i>A língua portuguesa na transcrição cirílica num dicionário do século XVIII</i>	343
Bartosz DONDELEWSKI, <i>«Falar diferente» e conservar um geoleto vernáculo. Notas sobre a importância da fonética no fortalecimento dos princípios da identidade de G. Breakwell no caso da comunidade d'a fala de Xálima (Cáceres, Espanha)</i>	357
Joanna DRZAZGOWSKA, <i>Infinitivo pessoal – um fenómeno português? Algumas observações acerca do infinitivo flexionado</i>	371
Jan HRICSINA, <i>Substituição do gerúndio pela construção a + infinitivo no Português Europeu (estudo diacrónico)</i>	383
Jakub JANKOWSKI, <i>Banda Desenhada portuguesa traduzida para polaco. Abordagem histórica e teórica na área dos estudos de tradução</i>	403
Sylvia MIKOŁAJCZAK, <i>Características fonéticas do Português da Ilha Terceira</i>	417
Anna OLCHÓWKA, <i>Vencedores, heróis, craques... A imagem linguística do êxito desportivo na imprensa eletrónica portuguesa</i>	425
Bożenna PAPIS, <i>O tratamento das formas de tratamento nas aulas de português língua estrangeira</i>	435
Hanna PIĘTA, <i>De periferia a periferia: constantes e variações na história externa da tradução da literatura polaca em Portugal</i>	445
Sergio ROMANELLI, <i>A língua portuguesa nas traduções do Imperador Dom Pedro II</i>	461
Ildikó SZIJJ, <i>Verbos irregulares com prefixo em português e outras línguas românicas</i>	473
José TEIXEIRA, <i>Língua escrita e língua real: o que um corpus oral permite descobrir</i>	487

Małgorzata WIELGOSZ, <i>Modalidade epistémica e evidencialidade nos sermões católicos na língua portuguesa</i>	507
--	-----

VARIA CULTURALIA

Anabela BRANCO DE OLIVEIRA, <i>O cineasta e a cidade: Manoel de Oliveira e O Porto</i>	521
Grażyna JADWISZCZAK, <i>O fenómeno «Amália» – um capítulo crucial na história religiosa do Fado</i>	535
Paulo PIRES PEPE, <i>Queerizações da Música Popular de António Variações</i>	551

Przemysław Dębowiak
Uniwersytet Jagielloński
pdebowskiak@gmail.com

A língua portuguesa na transcrição cirílica num dicionário do século XVIII

Resumo:

Nos anos 1787-1789 foram publicados dois volumes de uma grande obra lexicográfica intitulada *Linguarum totius orbis vocabularia comparativa* (...) que comumente se costuma chamar Dicionário de Catarina a Grande da Rússia. O dicionário contém 273 entradas russas de vários grupos temáticos, cada uma com equivalentes semânticos em duzentas línguas europeias e asiáticas. Todos os vocábulos, sem exceção alguma, vêm transcritos no alfabeto cirílico russo, independentemente da língua cujo léxico representam. O artigo trata, em linhas gerais, da transcrição das palavras portuguesas incluídas no dicionário.

Palavras-chave: português, lexicografia, transcrição, transliteração, alfabeto cirílico.

Abstract:

The Portuguese language in Cyrillic transcription in an eighteenth-century dictionary

In 1787-1789 two volumes of a huge lexicographic work were published, with the title *Linguarum totius orbis vocabularia comparativa* (...), commonly called Catherine the Great's Dictionary. The dictionary contains 273 Russian entries

from different thematic groups, each one with semantic equivalents in two hundred European and Asiatic languages. All the words, with no exception, are transcribed in the Russian Cyrillic alphabet, independently from the language they represent. The paper deals, in general terms, with the transcription of Portuguese words included in the dictionary.

Keywords: Portuguese, lexicography, transcription, transliteration, Cyrillic alphabet.

Introdução

No presente trabalho referimo-nos a uma grande obra lexicográfica publicada em São Petersburgo na segunda metade do século XVIII, que comumente se costuma chamar Dicionário de Catarina a Grande da Rússia (adiante: DC). O primeiro volume deste dicionário apareceu em 1787 com o título russo¹: *Сравительные Словари всѣхъ языковъ и нарѣчій, собранные десницею всевысочайшей особы. Отдѣленіе первое, содержащее въ себѣ Европейскіе и Азіатскіе языки*. O segundo volume veio à luz em 1789 e além de um título idêntico em russo, tem também um título latino: *Linguarum totius orbis vocabularia comparativa; Augustissimae cura collecta. Sectionis primae, Linguas Europae et Asiae complexae*; em português, ambos equivalem aproximadamente a: *Vocabulários comparativos de todas as línguas e falares da Europa e Ásia (...)*. Os dois volumes contam em conjunto quase 900 páginas, com o texto impresso em duas colunas.

O dicionário está organizado segundo o princípio onomasiológico. A sua nomenclatura consta de 273 entradas russas numeradas, ordenadas em grupos temáticos que não são homogêneos nem exaustivos, p.ex.: religião, família, partes do corpo, medidas de tempo, plantas,

¹ O título é citado na versão original, contendo letras próprias do alfabeto russo da época, em vigor de 1708 a 1918, aprovado pelo czar Pedro I da Rússia em 1710.

animais, adjetivos, verbos, pronomes, etc. e cuja lista completa (com a tradução latina) se encontra no fim do segundo volume. Cada entrada tem equivalentes semânticos em duzentas línguas europeias e asiáticas, embora muitos não estejam referidos, essas lacunas estão marcadas com reticências. O segundo volume inclui também um apêndice que contém doze numerais com equivalentes em 222 línguas: *Числа Европейскихъ и Азиатскихъ народовъ* (pt. *Numerais dos povos europeus e asiáticos*). Talvez o mais curioso seja que todos os vocábulos, sem exceção alguma, vêm transcritos no alfabeto cirílico russo, independentemente da língua cujo léxico representam.

O repertório das línguas invocadas começa com as da Europa, isto é: línguas eslavas, celtas, o grego, o latim, línguas românicas, germânicas, bálticas, o albanês, o húngaro. Seguem-se depois as línguas da Ásia, faladas no império de Catarina II e não só: idiomas siberianos, caucasianos, línguas iranianas, o hebraico, o iídiche, o árabe, o japonês, o chinês, o javanês e várias outras. A cada idioma é conferido um número fixo; no caso do português, é o 26 (na parte com numerais, muda para o 28).

No título do dicionário está assinalada a proteção da “altíssima pessoa”, oferecida à redação da obra. Trata-se obviamente da czarina Catarina II, a Grande (1729-1796). No prefácio atribui-se-lhe a iniciativa de tal empreendimento e a ajuda na elaboração da nomenclatura (a imperatriz teria provido quase metade das palavras). Como Catarina, a Grande não podia realizar a obra sozinha, em 1785 pediu a Simon Peter Pallas (1741-1811), médico e naturalista alemão morando em São Petersburgo, para continuar o trabalho. É ele quem está assinado debaixo do prefácio onde revela ter-se servido de pequenos vocabulários manuscritos e de fontes impressas a fim de completar o material lexical de várias línguas².

Não se pode negligenciar a contribuição de um outro cientista alemão para a realização do DC, Hartwig Ludwig Christian Bacmeister

² Para saber mais sobre a atividade científica (sobretudo no campo da história natural) e as viagens de Pallas, cf. p.ex. Archimbault [2010: 70-73], Comtet [2010: 96-97].

(1730-1806), na altura também residindo em São Petersburgo. No prefácio menciona-se que elaborou a base lexical das 47 primeiras línguas do dicionário. Além disso, é muito provável ter sido ele quem concebeu tal obra lexicográfica, já nos anos 70 do século XVIII³. A recolha do material de línguas faladas fora do império pôde realizar-se graças à cooperação com cientistas estrangeiros e diplomatas russos vivendo em outros países. Portanto, a participação da imperatriz na elaboração do dicionário terá sido sobretudo simbólica.

A segunda edição do dicionário, redigida pelo Sérvio Teodor Janković, foi publicada logo nos anos 1790-1791 sob o título *Сравительный Словарь всѣхъ языковъ и нарѣчій по азбучному порядку расположенный* (pt. *Vocabulário comparativo de todas as línguas e dialetos ordenado alfabeticamente*). Apareceu em quatro volumes e foi enriquecida com palavras de 79 línguas africanas e americanas. As entradas da nomenclatura, desta vez constituída pelos vocábulos das respetivas línguas, vêm ordenadas alfabeticamente, de acordo com as regras do alfabeto cirílico russo.

Se o DC e a sua origem já estavam detalhadamente descritos [Juszkiewicz, 1975; Archimbault, 2010: 73-75; Jakubczyk, no prelo], o material linguístico foi estudado apenas seletivamente. Analisou-se, entre outros, o léxico russo [Juszkiewicz, 1976], albanês [Stachowski, 1987], francês [Bochnakowa, 1999; Bochnakowa, 2013; Comtet, 2010: 108-111], ucraniano [Fałowski, 1999], checo [Fałowski, 2000], alemão [Comtet, 2010: 100-103], inglês [*ibidem*: 103-105], espanhol [*ibidem*: 106-108; Stala, 2011] e polaco [Jakubczyk, 2014].

Na presente intervenção propomo-nos a demonstrar algumas das características mais marcantes da transcrição cirílica do material linguístico português, decorrendo de uma análise geral que não pretende

³ Baclemeister empreendeu a elaboração de um dicionário comparativo que contivesse designações de determinados objetos em diferentes línguas. O cientista alemão expôs o interesse da sua tarefa em *Idea et desiderata de colligendis linguarum speciminibus* (1773); para recolher o material lexical, redigiu um questionário destinado a ser enviado às autarquias locais de várias províncias do país. Note-se que tal método se assemelha bastante àqueles que no século XX viriam a ser largamente aplicados na geografia linguística.

ser exaustiva. O lado gráfico desse material é particularmente interessante, sobretudo pelo seu caráter um tanto exótico.

1. Vocalismo

1.1. Tal como no alfabeto português contemporâneo, o timbre das vogais não está marcado senão ocasionalmente. Quaisquer acentos gráficos são reproduzidos com acento exclusivamente agudo. Por um lado, este procedimento reflete a presença de acentos – na escrita portuguesa do século XVIII – nas palavras que hoje já não os levam; por outro lado, ofusca uma das funções dos acentos portugueses, nomeadamente, aquela de indicar o timbre aberto ou fechado da vogal tónica. Exemplos⁴:

- <é>/<ê>: [40] Пé – *Pé*, mas [215] Эспéссо – *Espesso* (*Espêss*o);
- <ó>/<ô>: [188] Виктóрия – *Vitória* (*Victória*), mas [60] Амóръ – *Amor* (*Amôr*), [112] Фóго – *Fogo* (*Fôgo*);
- <á>: [243] Эстрá – *Está*, [245] Пáра – *Para* (*Pára*).

No entanto, a falta de consequência neste aspeto é bem notável⁵.

Por um lado, faltam acentos correspondentes em muitas palavras que supostamente os levavam na grafia do século XVIII e continuam a tê-los na escrita contemporânea, p.ex. [73] Сиркуло – *Círculo*, [104] По – *Pó*, [157] Пассаро – *Pássaro*, [244] Да – *Dá*.

Por outro lado, aparecem acentos em palavras que talvez não os levassem na escrita geral, mas sim nas obras dedicadas ao ensino da pronúncia correta ou em dicionários, marcando assim a sílaba tónica. Assim, encontramos p.ex. [181] Гуизáдосъ – *Guisados*, [212] Агúдо – *Agudo*, e vários infinitivos, entre os quais [228] Бебéрь – *Beber*,

⁴ Os números entre colchetes correspondem aos números das entradas no DC. As formas entre parênteses indicam a grafia que a palavra respetiva tinha – ou podia ter – no século XVIII.

⁵ O caráter aleatório do emprego dos acentos gráficos no DC também se nota na transcrição cirílica das palavras de outras línguas [Comtet, 2010: 97-98].

[231] Дормірь – *Dormir* (ao lado de [65] Подеръ – *Poder*, [241] Фундиръ, Дейтаръ – *Fundir, Deitar*). Levam acento supérfluo também alguns numerais, p.ex. [280] Сѣте – *Sete*.

1.2. A língua russa desconhece vogais nasais, portanto o alfabeto cirílico russo carece de letras e sinais especiais para as denotar. No DC, as nasais portuguesas transcrevem-se normalmente com letras correspondentes às vogais orais, mais uma consoante nasal (<Н> ou <М>), p.ex.:

- [ɨ]: [8] Ирманъ – *Irmã*, [195] Кампо – *Campo*;
- [ẽ]: [29] Денте – *Dente*, [96] Темпо – *Tempo*;
- [ĩ]: [94] Инверно – *Inverno*, [258] Синь – *Sim*;
- [õ]: [33] Омбро – *Ombro*, [106] Монте – *Monte*;
- [ũ]: [114] Фундура – *Fundura*, [274] Унь – *Um*.

1.3. Os ditongos orais transcrevem-se de várias maneiras, prevalecendo o critério ou fonético, ou gráfico. Trata-se então de grafias mais próximas ora de transcrição, ora de transliteração, respetivamente. Exemplos:

	transcrição	transliteração
[aj]	[3] Пай – <i>Pai</i> [83] Сарайва – <i>Saraiva</i>	–
[ej]*	[47] Лейте – <i>Leite</i> [150] Карнейро – <i>Carneiro</i>	[57] Куеиша – <i>Queixa</i> [108] Оитеиро – <i>Oiteiro</i>
[oj]	[88] Нойте – <i>Noite</i> [148] Бой – <i>Boi</i>	[108] Оитеиро – <i>Oiteiro</i>
[aw]	–	[220] Мао – <i>Mau (Mao)</i> [221] Май – <i>Mau</i>
[iw]	–	[72] Фрїо – <i>Frio</i> [100] Рїо – <i>Rio</i>
[ow]	[48] Увидо – <i>Ouvido</i> [93] Утоно – <i>Outono**</i>	[122] Оуро – <i>Ouro</i> [183] Коураза – <i>Couraça</i>

	transcrição	transliteração
[ja]	[236] Гїарь – <i>Guiar</i> [238] Семїарь – <i>Semear</i>	[219] Беато – <i>Beato</i>
[j□]	[107] Праїя – <i>Praia</i> [188] Виктóря – <i>Vitória</i>	[102] Арéа – <i>Areia (Arêa)</i> [192] Конкордїа – <i>Concórdia</i>
[ju]	[125] Продигїю – <i>Prodígio</i> [141] Сентею – <i>Centeio</i>	[78] Раїо – <i>Raio</i> [221] Феїо – <i>Feio</i>
[wa]	–	[184] Гуарда – <i>Guarda</i> [277] Куатро – <i>Quatro</i>
[w□]	–	[30] Лингуа – <i>Língua</i> [98] Агуа – <i>Água</i>
[wɛ]	[28] Гуэлла – <i>Goela</i>	[41] Жоельо – <i>Joelho</i>

* Hoje pronunciado [□j], quando acentuado, na norma-padrão de Lisboa.

** A transcrição só com a letra <y> (e não <oy>) pode sugerir a pronúncia [o], própria dos dialetos portugueses centro-meridionais, ou então reflete a pronúncia russa aproximada deste ditongo português, a semivogal [w] não tendo estatuto de fonema em russo.

Já agora, atente-se à transcrição das palavras que contêm grupos <gue>, <gui>, <que>, <qui> nos quais a letra <u> não se lê:

	transcrição	transliteração
<gue>	[189] Геppа – <i>Guerra</i>	[45] Сангуэ – <i>Sangue</i>
<gui>	[236] Гїарь – <i>Guiar</i>	[181] Гуизáдось – <i>Guisados</i>
<que>	[207] Пикено – <i>Pequeno</i>	[57] Куеиша – <i>Queixa</i>
<qui>	[261]/[273] Аки – <i>Aqui</i>	–

Só nalguns casos os redatores salvaguardaram a letra <u>, transcrevendo as outras palavras tal como se pronunciam.

1.4. Os ditongos nasais foram mais difíceis de transcrever uma vez que o alfabeto russo ignora sinais que indiquem nasalidade, como já dissemos. Por isso optou-se por várias soluções.

O ditongo [ɨ̃] só aparece num vocábulo: [4] Ма̃й – *Mãe*, cuja transcrição relembra a antiga grafia *Mãi*.

O ditongo [ɨ̃j]⁶, sempre em final de palavra, transcreve-se com a letra <e> mais uma consoante nasal (<н> ou <м>) seguida do sinal forte <ъ>, p.ex.: [275] Се̃нь – *Sem*, [284] Се̃мь – *Cem*.

O ditongo [wɨ̃] encontra-se apenas no vocábulo [266] Квандо – *Quando*.

O ditongo [ɨ̃w̃] aparece em muitas palavras e deve ter sido mesmo problemático para os redatores porque se encontra transcrito de seis maneiras diferentes. Algumas delas aproximam-se mais da pronúncia do ditongo:

- <онъ>, p.ex. [7] Ирмонъ – *Irmão*, [46] Коразонъ – *Coração* (a grafia mais frequente);
- <онъ>: [154] Конъ – *Cão*;
- <аонъ>: [203] Саонъ – *São*;
- <анъ>: [259] Нанъ – *Não*;

enquanto que outras constituem uma simples transliteração:

- <ао>: [91] Верао – *Verão*;
- <аó>: [200] Троваó – *Trovão (Trovaõ)*.

1.5. Alguns vocábulos deixam transparecer traços da elevação das vogais átonas. Assim, torna-se óbvio que nesses casos prevaleceu o critério fonético, pelo menos parcialmente.

O som [ĩ] aparece em vez de [e], o que é notado com a letra <и>: [187] Дисграза – *Desgraça*, [207] Пикено – *Pequeno*.

O som [u] aparece em vez de [o], o que está assinalado com as letras:

- <у>: [151] Корну – *Corno*, [172] Фугао – *Fogão*;
- <ю>, quando faz parte do ditongo [ju]: [141] Сентею – *Centeio*, [125] Продигію – *Prodígio*.

⁶ Hoje pronunciado [ɨ̃j] na norma-padrão de Lisboa.

2. Consonantismo

2.1. Até 1911, na grafia portuguesa usavam-se as consoantes geminadas etimológicas <cc>, <ll>, <nn> e <tt>, mesmo que se pronunciassem como consoantes simples. No DC procedeu-se a uma transliteração consequente dessas geminadas, p.ex.: [149] Ва́кка – *Vaca*; [42] Пелле – *Pele*; [95] Анно – *Ano*; [126] Ма́тта – *Mata*.

2.2. A letra <h> inicial, que não corresponde a nenhum som, é conseqüentemente omitida na transcrição: [14] Омень – *Homem*, [213] Уми́до – *Húmido* (mas lembre-se que *Úmido* é a grafia vigente no Brasil).

2.3. Embora o russo conheça várias consoantes palatais que se notam facilmente no alfabeto cirílico, a transcrição das palatais portuguesas foi problemática para os redatores do DC. A solução mais simples, como parece, teria sido transcrevê-las de acordo com as regras do alfabeto russo, ou seja: <ль> por [λ], <нь> por [□], <ш> por [□] e <ж> por [□] – sob a condição de se saber identificar esses sons. Não se conseguiu fazê-lo senão ocasionalmente, confundindo [λ] com [lj], [□] com [nj], [□] com [□] e não reconhecendo a palatalização de [s] e [z] finais (a não ser que nas fontes consultadas esse fenómeno não estivesse assinalado). Por vezes adotou-se uma transliteração literal, com novas letras inventadas – <ґ> e <Ѡ>, utilizadas também na transcrição de palavras de outras línguas [cf. Comtet, 2010: 98-99].

	transcrição	transliteração	outras grafias
[λ]	[20] Ольо – <i>Olho</i>	[6] Фильґа – <i>Filha</i> [133] Фолґа – <i>Folha</i>	[5] ФильґѠ – <i>Filho</i>
[□]	[37] УньасѠ – <i>Unhas</i>	[182] Динґеиро – <i>Dinheiro</i>	[161] Галлиня – <i>Galinha</i>

	transcrição	transliteração	outras grafias
[□]	[145] Бишо – <i>Bicho</i> [205] Байшо – <i>Baixo</i>	[22] Пестанасъ – <i>Pestanas</i> [185] Риха – <i>Rixa</i> * [199] Лузь – <i>Luz</i>	[12] Рапасъ – <i>Ra- paz</i> ** [82] Жува – <i>Chu- va</i> ***
[□]	[86] Жело – <i>Gelo</i> [196] Жуго – <i>Jugo</i>	[125] Продигію – <i>Prodígio</i> [226] Юкундо – <i>Jucundo</i>	[201] Ювѣнилъ – <i>Juvenil</i>

* Embora a letra <x> corresponda ao som [x] no alfabeto cirílico russo.

** Indicação do ensurdecimento da consoante final, mas não da palatalização.

*** Embora a letra <ж> represente o som [ʒ] no alfabeto cirílico russo.

2.4. A transcrição das palavras com as consoantes fricativas /s/ e /z/, correspondendo em português aos grafemas <c>, <ç>, <s>, <ss> e <z>, está longe de ser homogênea.

	transcrição	transliteração	outras grafias
[s]	[26] Фасесъ – <i>Faces</i> [171] Сидаде – <i>Cidade</i>	[120] Фоссо – <i>Fosso</i> [176] Цинта – <i>Cinta</i>	[2] Зео – <i>Céu</i> [16] Кабеза – <i>Ca- beça</i> *
[z]	[218] Формозо – <i>Formoso</i>	[197] Васо – <i>Vaso</i>	[116]/[117] Ларгуэца – <i>Largue- za</i> **

* Ainda que a letra <z> costume corresponder ao som [z] no alfabeto cirílico.

** Embora a letra <ц> represente a consoante [□] no alfabeto cirílico.

No caso das palavras em que os sons [s] e [z] se notam originalmente com as letras <s> e <z> é impossível precisar se se trata de uma transliteração ou uma grafia fonética, como p.ex. em: [59] Сонно – *Sono*, [75] Соль – *Sol*, [11] Донзелла – *Donzela*, [242] Козёръ – *Cozer*.

Note-se que à letra portuguesa <c> com o valor fonético [k] corresponde sempre a letra russa <к>, p.ex.: [43] Карне – *Carne*, [118] Бурако – *Buraco*, [213] Кру – *Cru*.

3. Conclusão

A partir do que acaba de ser exposto, está quase certo que Simon Peter Pallas e Hartwig Ludwig Christian Bacmeister não falavam português, por isso mesmo, bem como pelo facto de as fontes utilizadas pelos redatores terem sido sobretudo escritas e não orais, trata-se geralmente de uma transliteração mais ou menos conseguida e nem sempre consequente. Elaborar uma transcrição cirílica do português terá sido certamente uma tarefa difícil, também porque os contactos linguísticos luso-russos eram praticamente inexistentes; no caso de outras línguas, tais como o alemão ou o francês, que já tinham fornecido empréstimos ao russo, só foi preciso atualizar as soluções já adotadas.

Não obstante, uma vez que o critério fonético também se revelou decisivo num certo número de casos, Pallas e Bacmeister devem ter tido pelo menos alguma ideia sobre as regras da pronúncia portuguesa, ou então entraram em contato com um lusofalante.

Fosse como fosse, a diversidade das inconseqüências dá a impressão de que as palavras portuguesas não foram transcritas por uma só pessoa nem num só período de tempo.

Obviamente, essas observações não esgotam as características do material português incluído no DC. Embora esse material apresente vários erros de tipografia e até contenha vocábulos duvidosos ou difíceis de explicar, podem-se detetar alguns arcaísmos morfológicos e lexicais. Seria interessante também estudar o vocabulário português e o material das outras línguas românicas do DC numa perspectiva comparativa.

Para terminar, sublinhe-se que o DC reflete o crescente interesse pelo problema do parentesco linguístico, partindo da teoria da origem

comum de todas as línguas do mundo que no século XVIII ganhava cada vez mais relevo. Deve ser tratado com reserva, mais como uma curiosidade e não um dicionário comparativo sério, mesmo assim, constitui, sem dúvida alguma, um monumento lexicográfico importante que fornece informações relevantes sobre o vocabulário das línguas nele incluídas.

Fonte lexicográfica

Сравительные Словари всѣхъ языковъ и нарѣчій, собранные десницею всевысочайшей особы. Отдѣление первое, содержащее въ себѣ Европейскіе и Азіатскіе языки – Linguarum totius orbis vocabularia comparativa; Augustissimae cura collecta. Sectionis primae, Linguas Europae et Asiae complexae, vol. 1-2, São Petersburgo, 1787-1789.

O dicionário em versão digital (ficheiros PDF) pode ser descarregado das seguintes páginas web: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Linguarum_totius_orbis_1.pdf (vol. 1) e http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Linguarum_totius_orbis_2.pdf (vol. 2) – 26.01.2014.

Referências bibliográficas

- ARCHIMBAULT, S. (2010), “Peter Simon Pallas (1741-1811), un naturaliste parmi les mots”, *Histoire – Épistémologie – Langage*, XXXII/1, Paris, pp. 69-91.
- BOCHNAKOWA, A. (1999), “Francuskie wyrazy w XVIII-wiecznym słowniku porównawczym *Linguarum totius orbis vocabularia comparativa* (1787-1789)”, *Sprawozdania z czynności i posiedzeń Polskiej Akademii Umiejętności*, LXIII, Kraków, pp. 109-112.
- BOCHNAKOWA, A. (2013), “*Linguarum totius orbis vocabularia comparativa Augustissimae cura collecta* (...), 1787-1789”, *Studia Linguistica Universitatis Jagellonicae Cracoviensis*, 130, Kraków, pp. 41-50.
- COMTET, R. (2010), “Le russe comme métalangage : transcription et translittération en alphabet cyrillique dans le *Linguarum totius orbis*”

- vocabularia comparativa*”, *Histoire – Épistémologie – Langage*, XXXII, 1, Paris, pp. 93-114.
- FAŁOWSKI, A. (1999), “Język ukraiński w *Słowniku Katarzyny II*”, em: Mieczkowska, H. (ed.), *In memoriam Alfredi Zaręba et Josephi Reczek (= Prace Komisji Słowianoznawstwa Polskiej Akademii Nauk, LI)*, Wydawnictwo Oddziału Polskiej Akademii Nauk, Kraków, pp. 137-144.
- FAŁOWSKI, A. (2000), “Materiał czeski w *Słowniku Katarzyny II*”, em: Wróbel, H. (ed.), *Studia z filologii słowiańskiej ofiarowane profesor Teresie Zofii Orłoś*, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, pp. 89-94.
- JAKUBCZYK, M. (2014), “Polszczyzna grażdańska w słowniku carycy Katarzyny II”, *Poradnik Językowy*, 2, Warszawa, pp. 78-95.
- JAKUBCZYK, M. (no prelo), “Słownik carycy Katarzyny Wielkiej w kontekście europejskich teorii językowych II połowy XVIII wieku i na tle tradycji leksykograficznej”.
- JUSZKIEWICZ, U. (1975), “Porównawczy słownik Katarzyny II na tle rozwoju rosyjskiego języka literackiego XVIII wieku”, *Annales Universitatis Mariae Curie-Skłodowska*, XXX, 11, Sectio F: Nauki Humanistyczne, Lublin, pp. 157-168.
- JUSZKIEWICZ, U. (1976), “Materiał rosyjski ze słownika Katarzyny II”, *Annales Universitatis Mariae Curie-Skłodowska*, XXXI, 22, Sectio F: Humaniora, Lublin, pp. 385-401.
- STACHOWSKI, S. (1987), “Wyrazy albańskie w Słowniku P.S. Pallasa (1787-1789)”, *Acta Baltico-Slavica*, XVII, Wrocław, pp. 237-253.
- STALA, E. (2011), “Diccionario de Catalina la Grande (1787-1789). Análisis del material español”, *Studia Iberystyczne*, 10, Kraków, pp. 151-163.